

A EDUCAÇÃO, OS JOVENS E O CONSUMISMO NA MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN

Eixo temático: **CURRÍCULO, METODOLOGIA E PRÁTICAS DE ENSINO**

Forma de apresentação: **RELATO DE VIVÊNCIA**

Nome do Apresentador: Odilon Nery Comodaro¹

Nome do Autor: Odilon Nery Comodaro

RESUMO

A modernidade líquida, termo utilizado por Bauman para se referir à pós-modernidade, trouxe fenômeno sem precedente na história: o consumismo. Ele alterou hábitos e até mesmo a Educação, com a formação de profissionais para produzir e consumir. A par de textos de Bauman e relato de experiência, será apresentada sugestão para nova prática de ensino.

Palavras-chave: Bauman. Juventude. Modernidade líquida. Consumismo.

1 INTRODUÇÃO

Os novos tempos têm trazido, e cada vez mais, preocupação sobre o futuro da Educação, em virtude de seu direcionamento para o mercado de trabalho, relegando-se a outro plano a formação de pensadores e/ou transformadores sociais. É indispensável estabelecer novas práticas educacionais para o redirecionamento dos objetivos.

2 METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica sobre parte da obra de Zygmunt Bauman relacionada à modernidade líquida (pós-modernidade), à juventude e à educação, somada a relato de vivência/experiência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bauman, em diálogos com Keith Tester em “Bauman sobre Bauman” disse:

[...] Se a modernidade se ocupou em “desencaixar” os indivíduos dos ambientes que os hospedavam, ela o fez a fim de “reencaixá-los” de modo mais seguro que antes, para criar “estruturas” construídas de acordo com um plano e mais sólidas que as estruturas apertadas e desconfortáveis, miseráveis e precárias deixadas pelo *Ancien Régime*. A pós-modernidade (a modernidade em sua fase “líquida”) é a era do desencaixe sem o reencaixe. (BAUMAN, 2011b, p. 102).

Esse ‘desencaixe’ causado pela pós-modernidade, sem o ‘reencaixe’ de outrora, está atingindo a Educação e se encontra evidenciado pela supremacia do preparo para o mercado de trabalho sobre o pensamento inovador/transformador.

A vida de cada jovem tem se tornado “Vida para Consumo”, conforme título de livro de Bauman que nos orientou na análise de tal questão (2008), além de “Tempos Líquidos” (2007).

¹Ex-professor de Ciência Política e Direito Civil no Centro Universitário do Norte Paulista (UNORP), pós-graduado (*Lato sensu*) em Ciências Penais, mestrando em Educação pelo UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus 2, Engenheiro Coelho), bacharel em Direito, promotor de justiça/SP.

O consumismo é tendência predominante e destruidora. Não obstante, a sociedade líquida, “[...] rejeita quaisquer pretensões à função ética e transfere de bom grado a regulação das relações humanas às forças do mercado.” (BAUMAN, 2011b, p. 66).

E essa “regulação das relações humanas” atinge, em especial, os jovens. A eles Bauman se referiu em “Sobre Educação e Juventude”:

“Vistos cada vez mais como outro encargo social, os jovens não estão mais incluídos no discurso sobre a promessa de um futuro melhor. [...] O que os salva da dispensabilidade total – embora por pouco – e lhes garante certo grau de atenção dos adultos é sua real e, mais ainda, potencial contribuição à demanda de consumo. [...] outros assuntos relacionados à juventude são deixados numa prateleira lateral – ou eliminados da agenda política, social e cultural. (BAUMAN, 2013, pp. 52-53).

A “educação” para o consumo é inegável. E os problemas daí decorrentes, bem conhecidos. Assim, uma nova educação, com foco no aprender, no pensar, nos saberes e em *saber viver*, é indispensável. Mas, como?

Em uma das “Cartas do Mundo Líquido Moderno”, intitulada “Prever o Imprevisível”, Bauman diz:

O grande italiano Antonio Gramsci afirmou que o único modo de “predizer” o futuro era juntar forças e reunir esforços para fazer com que os acontecimentos futuros se conformem aos nossos desejos e para nos manter longe de cenários indesejáveis. Nada garante que esses esforços irão trazer os resultados que desejamos. A guerra contra a incerteza jamais será completamente vencida. Mas esta é a única estratégia que nos dá alguma chance de ganhar *batalhas*. Não é a solução perfeita, mas é a única possível. É pegar ou largar. (BAUMAN, 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno, 2011a, p. 135).

Realmente, se nossos esforços não se concentrarem em tentar fazer com que os acontecimentos se ajustem àquilo que se deve fazer – especialmente no campo da educação de jovens – cenários indesejáveis irão se tornar realidade.

Aos jovens se tem dito que o único meio para uma vida de realizações é o do estudo – mas sem qualquer estímulo à formação de agentes pensadores/transformadores da realidade social. Isso constatamos quando fomos professor universitário ao fim dos anos 1990 (UNORP - S. J. Rio Preto/SP). Tendência crescente à época e que agora já se consolidou, o preparo para o ingresso no mercado de trabalho (tanto na área privada quanto na pública) é o objetivo supremo. Aliás, cursos preparatórios para concursos públicos tiveram crescimento exponencial nos últimos anos e se tornaram negócio lucrativo, à semelhança dos chamados cursinhos pré-vestibulares.

Obviamente, a procura por se firmar no mercado de trabalho é necessária. Mas a criatividade e a busca por se tornar transformador do meio social em que se está inserido, não deveriam jamais ser desconsideradas. Caso contrário, em breve seremos substituídos por *softwares* de Inteligência Artificial.

Depois de deixar o magistério, passamos a observar em nossa atividade como promotor de justiça, que nossos estagiários, estudantes dos últimos anos dos cursos de Direito, em repetição daquilo que vimos nos fins dos anos 90 quando fomos professores, continuam ‘focados’, e em maior grau atualmente, apenas no mercado de trabalho. Além disso, um concorrente de peso ao já combatido pensamento inovador/transformador ingressou na vida dos alunos e os colocou quase que em estado de alienação da realidade: o *smartphone*.

Os estagiários/estudantes que conosco têm trabalhado (particularmente nos últimos cinco anos) possuem característica comum: querem informação fácil e sucinta, não possuem iniciativa e se mostram ansiosos quando chamados a solucionar, sozinhos, questões do trabalho.

Todavia, isto se dá por conta daquilo que praticamente é imposto aos jovens, chamados que são, diuturnamente, ao consumo e a buscar um suposto nível de vida superior.

Necessária, sem dúvida, mudança de rumos. Mas tal mudança seria algo factível? E como fazê-la?

No Brasil, criou-se cultura de cumprimento de obrigações somente por meio de lei. Aliás, a própria lei diz que as obrigações somente são aquelas dela decorrentes.

Assim, pensamos que há necessidade de solicitação, por grupos e entidades, ou mesmo por indivíduos, a nossos parlamentares, a fim de que novos rumos à formação educacional, por meio de lei ou leis, possam ser estabelecidos – a par de campanhas de conscientização.

CONCLUSÃO

Bauman, em “Modernidade Líquida”, diz:

[...] a prosperidade duradoura [...] precisa ser buscada fora do círculo vicioso do uso e abuso de produtos e energia: em relacionamentos, famílias, vizinhanças, comunidades, nos significados da vida [...].

Mas há um problema: seria possível contemplar com seriedade tudo isso sem enfrentar os aspectos da condição humana que estimularam as pessoas a procurar consolo no mercado, em primeiro lugar? (BAUMAN, 2013, pp. 88-91).

A análise é bem sensata. Talvez seja difícil reverter o quadro. Mas, se temos cultura arraigada na lei, dela devemos tentar tirar proveito. E a solução que propomos, conjugando a necessidade que temos de formar pensadores/transformadores sociais e não apenas integrantes do mercado de trabalho, é a de que se estabeleça por lei a criação de competência obrigatória em todas as etapas de ensino, envolvendo a análise de relacionamentos humanos e a formação de seres pensantes e agentes de transformação social, com estrutura pedagógica bem definida e professores devidamente preparados.

O ensino deverá estar centrado em evidenciar maneiras mais salutares de viver, pensar, agir e transformar a nós mesmos e ao ambiente que nos cerca – adotando-se, assim, nova prática educacional, com atenção às necessidades *imateriais* (sendo proveitosas, também, campanhas de conscientização dos estudantes). E, uma vez atingido o primeiro objetivo (criação de nova prática educacional), poderão ser estabelecidos estudos a respeito do aproveitamento dos estudantes e do efeito que o ensino tem gerado em sua visão de mundo, a fim de se aprimorar a técnica que vier a ser empregada.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Bauman sobre Bauman**: Diálogos com Keith Tester. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2011b.
- _____. 44 **Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar. 2011a.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- _____. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.
- _____. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.
- _____. **Vida para Consumo**: a transformação de pessoas em mercadoria. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.